

A hora do ensino técnico

» RUY ALTENFELDER
Advogado e presidente da Academia Paulista de Letras Jurídicas

» CLAUDIA BUZZETTE CALAIS
Diretora executiva da Fundação Bunge

O desemprego, que atinge expressiva massa de trabalhadores brasileiros, tem sido uma realidade distante do mercado dos profissionais de tecnologia da informação (TI). A demanda por esses trabalhadores supera em muito a oferta. Serão necessários 420 mil técnicos nessa área nos próximos dois anos, mas nossas escolas só conseguem formar 46 mil por ano, segundo a Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação e de Tecnologias Digitais (Brasscom).

Embora muitas empresas invistam em cursos de formação gratuitos para suprir a própria demanda, o esforço tem sido insuficiente. É urgente, portanto, uma ação mais efetiva de governos para melhorar a qualidade da educação e tornar o Brasil autossuficiente em tecnologias modernas. O apoio ao ensino técnico como política pública precisa estar no centro dessa ação.

A pandemia acelerou a digitalização de processos em todas as áreas e fez aumentar a procura por profissionais em tecnologia no e-commerce, serviços financeiros, automação de processos variados, inteligência artificial na saúde e na agroindústria. Ao mesmo tempo, o isolamento social causou impacto negativo na rotina de nossas escolas, com redução na procura pelos cursos profissionalizantes. O país, que nas últimas duas décadas experimentou um boom de cursos universitários, continua carente de cursos técnicos.

O Censo Escolar do Inep mostra que as matrículas nos cursos profissionalizantes públicos e privados recuaram em 2021 ao patamar de 2018, depois de quatro anos de crescimento contínuo. Tinham sido 1,83 milhão em 2017, subiram para 1,93 milhão em 2020 e recuaram para 1,89 milhão em 2021. Entretanto, as matrículas no ensino profissionalizante já tinham sido muito maiores seis anos antes da pandemia: 1,94 milhão em 2014. Ou seja, a menos de dois anos do fim do ciclo, estamos longe de cumprir a meta do Plano Nacional de Educação 2014-2024, que previa a necessidade de triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio no período. Apenas 8% dos estudantes estão nessa modalidade de ensino, contra 40% nos países da OCDE e 46% na União Europeia, conforme dados



divulgados em audiência pública, na Câmara dos Deputados, por representante do Ministério da Educação, em 2021.

A educação tradicional não dá conta de potencializar o que os estudantes estão dispostos a fazer para terem alguma profissão antes de concluírem um curso superior. Estamos diante de uma geração de jovens cada vez mais nativos digitais, que dominam desde cedo ferramentas inimagináveis há 20 anos e que podem ser usadas em inúmeras atividades. Corremos o risco de perder uma incrível oportunidade de dar a eles os meios necessários para que aproveitem sua vocação, habilidades inatas, intuição e energia naquilo que lhes for mais produtivo e compensador.

Para contornar o problema, algumas empresas passaram a fazer menos exigências aos candidatos a emprego. Notaram que, ao exigir fluência em língua estrangeira ou certificados de formação acadêmica, podem estar dispensando pessoas criativas, capazes

de aprender rapidamente no ambiente de trabalho e de serem futuros líderes em suas áreas. Para muitas das atividades em tecnologia, não é mais preciso aguardar que os candidatos completem o ensino superior, ainda inacessível para a maioria.

Por isso, é o momento de facilitar e incentivar o acesso do jovem a cursos técnicos e a atividades que aproveitem e desenvolvam suas habilidades e inteligências. Há enormes necessidades e oportunidades em tecnologia da informação e comunicação, análise de dados, programação, automação, gestão de processos e webdesign no comércio, serviços, comunicações, transportes, indústria e no agro.

É preciso que o resultado desse esforço torne as novas tecnologias acessíveis e disponíveis a todos, principalmente aos jovens, sejam eles residentes do campo ou das cidades. Só assim poderemos avançar em processos produtivos cada vez mais eficientes, inclusivos e sustentáveis.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Vanglória e poder

Maquiavel (1469-1527), um filósofo pouco lido e conhecido pela elite política brasileira, dizia, entre outras pérolas, que para conhecer o caráter de um indivíduo, o melhor método era dando-lhe poder. Quanto mais poder, mais o indivíduo deixa transparecer sua verdadeira índole. Essa máxima fica ainda mais cruenta e até patética, quando se observa que a maior parte de nossas elites políticas, quando imantadas pela luz fugaz do poder, mesmo o mais insignificante e passageiro, não perdem a oportunidade de exibir a plumagem, onde escondem, traiçoeiramente, as garras afiadas, prontas para golpear os desafetos e todos que possam atravessar em seu caminho.

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade (*Eclesiastes* 1). Esse parece ser um dos atributos, reservados apenas à espécie humana, capaz de diferenciá-lo dos demais animais. O outro vício, diretamente derivado desse, seria a concupiscência, ou a cobiça e até o prazer sensual por bens materiais. Uma vez entronizado no poder, nossos caricatos políticos mudam a aparência, sendo que alguns mudam até de cônjuge e de endereço. Alguns desses personagens, que amanhã comporão, de modo negativo, apenas o rodapé das páginas de história, não economizam meios de fazer chegar ao maior número de pessoas possível, sua atual posição de destaque e para tanto fazem questão de marcar esse momento com solenidades de grande pompa e circunstância, atraindo para si os holofotes e atenção de todos.

Surpreende que, em tempo algum, esses indivíduos não percebam que essa posição é dada graças ao esforço dos contribuintes que, aliás, sequer são lembrados ou, muito menos, convidados para a festa de posse. Como servidores públicos que são, esses senhores não se dão ao trabalho de pelo menos entender que sua chegada à nova função é apenas uma rotina burocrática e administrativa, e não um final de campeonato com vencedores e perdedores.

Em homilia recente, o frei Franciscano Emmanuel Afonso lembrou que o poder de Deus é sempre frágil, enquanto em posse dos homens o poder passa a ser sempre prepotente e opressor. Com isso, o pároco quis lembrar aos ouvintes que Deus poderia vir ao mundo com toda a glória, toda a pompa, mas preferiu vir como criança indefesa, cujo o primeiro berço era uma manjedoura humilde entre os animais. No domingo de Ramos, nos lembramos que a Semana Santa é aberta quando Jesus entrou em Jerusalém montado em um jumento. Foi assim a escolha para uma entrada triunfal. Aqueles que, por acaso, têm de fato o poder não o ostentam e fazem tudo para não expor essa potência.

Sobriedade e parcimônia é o que o cidadão espera de dos servidores públicos, sobretudo aqueles que estão em posição de destaque e podem dar o exemplo de recato. Para a sociedade, tanto faz a posse de um ministro como de um médico no serviço público. De certa forma, e dada as atuais circunstâncias de carência de pessoal especializado na saúde pública, a posse de um médico ou técnico em medicina preparado é muito mais preciosa e necessária para o cidadão comum e sua família do que a entronização suntuosa de altos figurões da República.

Ficassem esses tipos de solenidade de posse na seara apenas da vaidade e da vanglória, ainda daria para suportar. O problema é quando esse tipo de cerimônia instiga e abre alas para o empossado passar a proferir ameaças veladas a todos aqueles que não se submeterem às suas diretrizes, num discurso desagregador, intimidatório e longe de um ambiente de paz e de harmonia.

Pudessem as leis e cidadãos determinar que tais solenidades, regadas com os mais finos e caros acepipes e que mais se assemelham aos comícios de campanha política, fossem definitivamente varridas da vida pública, o pagador de tributos teria pelo menos um pouco de consolo de ver seus impostos poupados em eventos inúteis e distante da realidade brasileira.

Economia e política: análise do cenário eleitoral no Brasil

» JOSÉ MATIAS-PEREIRA

Economista, advogado, doutor em ciência política pela Universidade Complutense de Madrid e pós-doutor em administração, é professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília

A corrida eleitoral para a eleição presidencial no Brasil entrou na sua fase decisiva no dia 16 último, com o início da propaganda eleitoral gratuita no rádio e televisão. No dia 2 de outubro uma grande parcela dos mais de 156 milhões de eleitores aptos a votar estarão diante das urnas para escolher o presidente que vai governar o país no período de 2023-2026. Caso ocorra um eventual segundo turno, a escolha será decidida pelos eleitores no dia 30 de outubro de 2022.

Nesta eleição, que conta com candidatos à presidente de vários partidos políticos, o país terá pela primeira vez uma disputa na qual estarão presentes um presidente em exercício e um ex-presidente. Trata-se de um embate entre dois candidatos com visões distintas na forma de governar: o presidente Bolsonaro se encontra num espectro político à direita, e o ex-presidente Lula à esquerda. Considerando que ambos ocuparam o mesmo cargo, é previsível que os embates vão se concentrar nas comparações de desempenho econômico — redução da taxa de desemprego, queda na inflação e crescimento do produto interno bruto (PIB) —, estabilidade política, fortalecimento das instituições, democracia e corrupção.

No plano externo, o debate estará centrado na crise provocada pela pandemia de covid-19, que continua impactando, de forma desigual, as economias da maioria dos países. A revisão das projeções feitas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI, jul. 2022), indica que o crescimento mundial deverá cair de 3,6% para 3,2% em 2022, em decorrência da piora no cenário internacional, notadamente pela inflação mais elevada em todo o mundo, desaceleração do crescimento da China e repercussões

negativas da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Para o FMI o mundo poderá em breve estar à beira de uma recessão global.

No referido relatório do FMI, o Brasil aparece na contramão do mundo, visto que a taxa de crescimento do PIB estimada do país no corrente ano foi aumentada de 0,8% para 1,7%. Por sua vez, o mercado projeta um crescimento do PIB de 2% e a inflação deverá fechar o ano próximo de 6,5%. Registre-se que, a taxa de desemprego no Brasil recuou para 9,3% no segundo trimestre de 2022 (IBGE). É o menor patamar para o período desde 2015.

Constata-se, com base nos dados do IBGE no período de 1998 a 2018, que governos que tiveram índices de inflação e desemprego abaixo de dois dígitos conseguiram se reeleger ou fazer seu sucessor. Esse foi o caso da reeleição de Fernando Henrique Cardoso (FHC) em 1998 encerrou o seu primeiro mandato com o IPCA em 1,6%, e a taxa de desemprego em 7,8%. Apesar de entregar um baixo crescimento do PIB em 1998 de 0,10%, FHC capitalizou eleitoralmente a seu favor o fato de controlar a inflação (Plano Real). Registre-se que, no final do seu segundo mandato, em 2002 a inflação alcançou 12,5% e o desemprego 11,7%. Naquele ano FHC não conseguiu eleger o seu candidato, José Serra.

Constata-se que o cenário de desfavorável na economia no final do segundo governo FHC foi decisivo para a eleição de Lula em 2002. Lula, que foi reeleito em 2006, concluiu o primeiro mandato com o IPCA em 3,1% e o desemprego de 8,4%. No final do seu segundo governo, em 2010, o IPCA alcançou 5,9% e o desemprego de 6,7%, o que viabilizou a eleição de sua candidata, Dilma Rousseff.

Em 2014 Dilma terminou o seu governo com o IPCA 6,4% e com o desemprego em 4,3%. Foi reeleita, mas não conseguiu

concluir o mandato. A pior recessão econômica vivenciada pelo Brasil no biênio 2015-2016, que resultou numa queda de 3,8% do PIB em 2015, e de 3,6% em 2016, refletiu no aumento da instabilidade política no país, o que contribuiu para o seu afastamento da presidência da República (impeachment) no final de agosto de 2016. Em 2018, o presidente Michel Temer, mesmo tendo a inflação sob controle (3,7%), apresentava uma taxa de desemprego elevado (11,7%), agravado por um ambiente político bastante instável. Seu candidato, Meirelles, perdeu. Nesse ambiente de turbulência política e econômica foi eleito o atual presidente, Jair Bolsonaro.

O tema corrupção também não pode ser desconsiderado nessa eleição presidencial. Os adversários do ex-presidente Lula sabem que reavivar na memória dos eleitores os custos dos escândalos revelados nos julgamentos do Mensalão e da Lava-Jato tenderá a contribuir para a elevação do percentual de sua rejeição, em particular, junto aos eleitores indecisos.

Verifica-se que o crescimento econômico e a estabilidade política estão interligados em vários níveis. Conforme evidencia a análise dos indicadores econômicos no período de 1998 a 2018, a queda da inflação e do desemprego, aos quais se pode agregar os efeitos benéficos na economia dos programas de transferências de renda para as populações mais pobres, são variáveis relevantes na corrida eleitoral, pois contribuem para a geração de uma sensação de bem-estar na população, que fica mais otimista com o futuro do país e sua situação financeira. Pode-se afirmar, assim, apoiado na estreita relação que existe entre economia e política, que o desempenho da economia será fator decisivo para a escolha do presidente da República nas eleições de 2 de outubro próximo.

» A frase que foi pronunciada

“A democracia deve ser construída por meio de sociedades abertas que compartilhem informações. Quando há informação, há iluminação. Quando há debate, há soluções. Quando não há partilha de poder, não há Estado de direito, não há responsabilidade, há abuso, corrupção, subjugação e indignação.”

Atifete Jahjaga, presidente de Kosovo

No escuro

» Falta em Brasília inspeção em supermercados, restaurantes e padarias. Condições de higiene, acondicionamento dos alimentos e procedência das carnes, por exemplo, não são do conhecimento dos consumidores.

Educação

» Nesta semana, os semáforos nas avenidas W3 Sul e Norte piscavam mudando o trânsito que funcionou sem a presença de representantes públicos. O bom senso dos motoristas foi o suficiente para que não se transformasse em caos.

Tirar sangue

» Seria bom que o laboratório Sabin destinasse algumas unidades para exames em bebês com profissionais gabaritados.

» História de Brasília

Já que o assunto é ônibus, no começo de Brasília todo o mundo tinha Aragaruarina como uma empresa exemplar. Ultimamente, tem desleixado demais nos seus serviços. Os ônibus ficam parados na estrada, quando não encendeiam, como foi o caso de um, que demorou quase um dia para chegar a Brasília, vindo de belo Horizonte. (Publicada em 9/3/1962)